

## Inovação no setor industrial

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) apresentou em fevereiro um estudo que indica a perspectiva de aumento do investimento em inovação neste ano por parte do setor industrial. Entre as empresas com 250 ou mais empregados, 46% vão se voltar para a melhoria ou introdução de novos processos e 18% pretendem fazer o desenvolvimento de produtos inovadores. Os setores que mais devem investir em projetos inovadores são o de material plástico, com 57% das empresas, e produtos químicos, 45%. A indústria automobilística é o setor que mais deve lançar novos produtos. Os planos de investimento em inovação estão direcionados mais para o mercado externo e a intenção de aumentar a capacidade instalada no geral da indústria é de 20%, o menor percentual desde 2010.

## Ideias criativas da Amazônia

Duas startups da região amazônica, ou ideias que possam se transformar em empresa, serão escolhidas para apoio financeiro e treinamento pelo Programa de Promoção da Economia Criativa, uma parceria entre a Samsung e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec). Podem participar tecnologias que apresentem soluções para problemas nas áreas de educação digital, saúde, segurança da informação e mobilidade. Os projetos escolhidos receberão R\$ 140 mil, terão suporte técnico do Centro de Economia Criativa e Inovação da Coreia do Sul (CCEI Daegu) e serão desenvolvidos na Incubadora de Empresas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Manaus. Inscrições até 30 de março no site [anprotec.org.br](http://anprotec.org.br).

PERFIL

## Sementes que germinam negócios

Engenheiro florestal André Nave tem empresa de produção de mudas e sementes para reflorestamento de áreas degradadas



Em 1998, ainda no mestrado em Ciências Florestais na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq-USP), o engenheiro agrônomo André Nave identificou uma oportunidade de negócio em meio às determinações impostas pela legislação ambiental brasileira sobre restauração florestal em áreas de preservação permanente e reserva legal. Das conversas com pesquisadores do Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal da universidade nasceu a ideia de criar a Bioflora Tecnologia da Restauração, empresa voltada à produção e comercialização de mudas e sementes de espécies nativas da Mata Atlântica que podem ser usadas para reflorestar áreas degradadas. As mudas e sementes cultivadas pela Bioflora são vendidas para empresas rurais, produtores agrícolas, organizações não governamentais e prefeituras.

Após concluir o doutorado em Recursos Florestais, na Esalq-USP, Nave decidiu ampliar as frentes de atuação de sua empresa, com sede em Piracicaba (SP). Hoje, a Bioflora também orienta, elabora e executa projetos de recomposição de áreas

degradadas ou alteradas e oferece cursos de capacitação no Brasil e no exterior, entre outros serviços voltados à restauração ecológica. “Em um deles, avaliamos propriedades rurais e detectamos possíveis não conformidades ambientais”, explica. “Com base nessa avaliação inicial, elaboramos a estratégia mais apropriada e de baixo custo para que a área se adeque à legislação ambiental.”

Os trabalhos da Bioflora relacionados a novas metodologias de restauração avançam em parceria com alunos e professores dos laboratórios da Esalq-USP. Muitos dos estudos sobre germinação de espécies nativas e semeadura direta são testados em campos de cultivo da empresa. A ideia, diz ele, é possibilitar que os alunos testem na prática suas hipóteses de pesquisa desenvolvidas em laboratório.

Uma das estratégias desenvolvidas pela Bioflora baseia-se no princípio de que a floresta precisa abrigar grande variedade de espécies para poder voltar a ter um funcionamento considerado normal. Para isso, Nave investiu na construção de um viveiro com espécies mais adequadas para reflorestamento. “O viveiro da Bioflora é um dos maiores do estado de São Paulo, com capacidade de produção de 4 milhões de mudas de 200 espécies nativas por ano.” Em 2015, a empresa conseguiu financiamento da FAPESP por meio do programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) para criar e comparar metodologias de restauração, avaliando sua eficácia a partir dos custos de operação e do potencial de regeneração de áreas florestais. ■ R.O.A

ARQUIVO PESSOAL

